

TAYLOR ADAMS

AUTOR DO ÊXITO MUNDIAL SEM SAÍDA

«Um thriller vertiginoso e inteligente,
com heróis humanos e envolventes.
Maravilhoso!»

T. J. Brearton,
autor bestseller internacional



ENCURRALADOS

Presos no deserto,
sob a mira de um atirador implacável.

TOP
SEL
LER

*Para a minha mãe, o meu pai, Riley e Jaclyn.
Obrigado por tudo.*

1

Para um assassino, William Tapp tinha um ar bastante idiota naquele instante.

Formava uma estranha silhueta castanha de ramos e palha. Como o Monstro do Pântano, mas com a lama que o cobria seca depois de uma caminhada ao sol no deserto de Mojave, meio a andar, meio a trepar pelas pedras soltas das ribanceiras escorregadias. A respiração, pesada e ofegante. Os joelhos a queixarem-se e a estalarem. O coração martirizado a esforçar-se por bombear o sangue para onde quer que fosse preciso.

A fatiota não ajudava. Ele tinha improvisado um camuflado artesanal de *sniper* — uma rede de voleibol entrelaçada com farapos de juta tingida e vegetação do deserto —, mas era como vestir uma autêntica estufa. Não dava jeito nenhum para se sentar, dificultava a mais curta corrida e revelara-se desastroso da única vez que tentara urinar.

Chegou ao cimo da colina sob o céu azul inclemente, largou a mochila (cheia de *Cheetos*, gomas *Swedish Fish* e meia dúzia de bebidas energéticas com sabor a uva) e preparou o material. A vista dali era assombrosa; um panorama vívido do mato rasteiro do Nevada com as suas montanhas violetas ao fundo. Tapp não reparou.

Cobriu o rosto com o capuz do camuflado, sentiu as ervas secas a picarem-lhe os lábios e fundiu-se na pradaria como uma sombra.

Agora, William Tapp não tinha ar de coisa nenhuma.



— Cuidado!

James Eversman carregou a fundo no travão e o *Rav4* resvalou como uma lancha rápida que tivesse largado âncora de repente. Durante um segundo, o mundo ficou em suspenso. O cinto prendeu-o e ele sentiu um sabor metálico na boca. Não sabia dizer se chegara a bater com a boca no volante ou se simplesmente mordera a língua.

A sua mulher, Elle, safou-se melhor, já que tinha os reflexos apurados pela dose diária de três cafés. Agarrou-se ao tabliê com as palmas das mãos, o cabelo cor de chocolate a tapar-lhe a cara, e resmungou qualquer coisa que soou a James como «safado de um palerma». Às vezes os palavrões não lhe saíam exatamente como ela queria.

Não chegara a ser uma colisão, mas estivera bastante perto. O carro-patrolha estacionado — um *Ford* castanho e branco com as janelas cobertas de pó — tinha-se materializado em plena faixa de rodagem logo a seguir a uma curva e contracurva, onde a velocidade permitida era de 110 quilómetros por hora. A estrada tinha sido escavada no meio da rocha, e havia um barranco de granito de cada um dos lados da via apertada a impedir a visibilidade, como as palas de uma mula. Se porventura James tivesse sido uma fração de segundo mais lento a carregar no travão, ou estivesse distraído, ou fosse em excesso de velocidade, ou... Mas resolveu repelir esses pensamentos, como estêreis que eram. Sabia exatamente o que acontecia num acidente rodoviário, por causa das suas aulas no curso de técnico de emergência médica, nas quais um formador tinha descrito o corpo humano como «curiosamente parecido com um tomate esborrachado». Enquanto o sangue lhe regressava ao cérebro, registando o cheiro a queimado das pastilhas dos travões, James olhou para o carro da polícia do condado de Paiute que estava parado a meia dúzia de passos do para-choques do seu carro e permitiu-se ficar silenciosamente maravilhado consigo próprio: *Uau!*

— Hum! — Elle afastou o cabelo da frente dos olhos. — Isto quase que dava para o torto.

— Pois é.

— O que está ele aqui a fazer parado no meio da estrada?

— Não... — A secura que James sentia na garganta não lhe permitiu finalizar a frase. Esforçou-se por continuar: — Bem, parece que o tipo vem aí.

O *tipo* era um xerife-adjunto pequenote que se estava a aproximar aos pulinhos com a arma a saltitar no coldre e uma mão levantada para segurar no chapéu demasiado grande e com um ar cómico. Parecia um *sombbrero*. Ele vinha da berma coberta de cascalho que virava à direita, e James reparou que havia um segundo veículo estacionado logo a seguir, junto à parede oxidada de granito. Uma carrinha branca com aspeto de ser recente. Não parecia avariada; apenas vazia. James ainda teve tempo de pensar: *O que será feito do condutor?*

— Hum... — A mulher, Elle, reprimiu uma gargalhada. — Acho que alguém roubou o chapéu ao xerife Woody¹.

— Não olhes tão fixamente para ele.

— «Para o infinito e mais além!» — disse Elle, recordando uma das frases mais conhecidas do *Toy Story*.

— Elle, por favor, não implique. — James carregou no botão para abrir a janela e foi como se despressurizasse a cabine de um avião. O ar pastoso invadiu o carro e a voz dele foi abafada pelo calor e pelo pó alcalino.

Os passos do agente da polícia pareciam pegajosos, como se o alcatrão tivesse derretido pelo sol. James inspirou muito ligeiramente e tentou não se engasgar — estava nervoso e não gostava da sensação. Aquela era uma experiência totalmente nova. Nunca tinha sido mandado parar pela polícia, o que sempre atribuíra à sua condução extraordinariamente prudente.

A mulher comparara-o uma vez àqueles pequenos robots redondos que os ricalhaços compravam para aspirarem sozinhos a casa. Como é que se chamavam mesmo?

— Céus! — O polícia susteve a respiração e pousou uma mão na porta do carro. — Devia ter ligado as luzes de emergência.

¹ Referência a uma das principais personagens do filme *Toy Story*. [N. T.]

— Não tem importância — comentou James, embora fosse exatamente o oposto do que pretendia dizer.

Estava espantado com a tenra idade do xerife-adjunto. O tipo parecia acabadinho de sair do liceu, com um corpo franzino e a cara cheia de acne — aparentemente estava a tentar deixar crescer um bigode. Não estava a correr muito bem.

— É só que... devem passar por esta estrada para aí uns três carros por dia, no máximo. Foi um azar. Desculpem. — O rapaz fungou, empertigou-se e apontou para a carrinha branca na berma. — Há uma... alguém abandonou aquela carrinha ali à frente. As portas estão destrancadas. O motor ficou ligado. Deixaram 40 dólares em cima do tabliê. Como se o condutor tivesse saído para se aliviar e não tivesse voltado. Está simplesmente ali, abandonada na berma a seguir à curva.

— Abandonada na berma? — Elle esticou a cabeça. — Se calhar tiveram algum problema.

James forçou um sorriso amarelo.

O xerife Woody não reparou. Falava de uma forma estranha, com demasiada ênfase na primeira palavra de cada frase, como que para assinalar todas as ideias ponto por ponto. Ou como se quisesse ocultar o sotaque. Pediu outra vez desculpa (e outra vez) e perguntou se eles não teriam visto alguém a pedir boleia ou a andar ao longo da estrada. Mas é claro que não tinham. A povoação mais próxima era Mosby, uma vilória junto a uma antiga mina de prata que o polícia calculava ficar a 11 quilómetros para leste (*Porquê quilómetros?*, espantou-se James), pelo que deixar um veículo com o motor ligado ali naquele sítio pedregoso, que mais parecia Marte, sob o céu inclemente era bastante estranho. E provavelmente perigoso.

O xerife-adjunto disse outra coisa que deixou James incomodado.

— Por acaso não é polícia?

— Não. — A pergunta atingiu-o em cheio como um projétil. — Porquê?

— Bombeiro? Condutor de ambulância? Segurança? — O rapaz semicerrou os olhos sob a aba do chapéu idiota com a solenidade afetada de um vidente. — Juro que sou capaz de distinguir

peçoal ligado às emergências no meio de civis. Está tudo nos olhos. Você tem os olhos resolutos.

James encolheu educadamente os ombros.

— Nem por isso.

— Ele andou num curso de paramédicos — lembrou Elle.
— Há muito, muito tempo.

— Não. — O xerife-adjunto suspirou. — Isso não conta.

Diz o bófia de sombrero, pensou James. Calculou que Elle estivesse a pensar em algo mais espirituoso, mas tinha esperança de que ela fosse capaz de o guardar para si própria. Deixou o embaço passar e perguntou o mais sinceramente que conseguiu:

— Posso ajudar nalguma coisa?

O xerife-adjunto Woody fez um ar autoritário.

— Se virem alguém a passear por aí sozinho, à beira da estrada, uma pessoa velhinha, ou com ar confuso, ou seja lá o que for, deem-me uma apitadela. Este deserto devora pessoas. É um território grande, e o nosso departamento é pequeno.

— Quão *pequeno*?

— Estão a falar com 50 por cento do departamento.

Então, despedindo-se com um aceno de cortesia, o polícia virou costas e voltou para o carro-patrolha, com as botas tamanho 39 a colarem-se ao alcatrão mole.

— E 30 por cento dessa metade é só um chapéu — comentou Elle em surdina.

James assentiu sem prestar atenção, enquanto observava.

Este deserto devora pessoas.

A porta bateu com um estrondo, como um tiro. As luzes dos travões acenderam-se enquanto o agente desviava o carro e lhes fazia sinal com o braço para passarem. James tornou a fechar a janela e ultrapassou o carro-patrolha, espreitando ainda de esguealha para aquela misteriosa carrinha branca. Não tinha nada de especial. Os vidros refletiam a luz do Sol, não permitindo ver o interior. Reparou num autocolante no para-choques — MPR, em letras maiúsculas —, e logo a seguir a carrinha já estava atrás deles, a afastar-se, a afastar-se, até deixar de se ver. Durante algum tempo, ele pensou no que significaria MPR — seria alguma estação de rádio?

À medida que a estrada serpenteava, as arestas do granito ficavam mais afiadas e saíam da terra como ossos a rasgar a pele numa fratura exposta. Por via das dúvidas, James fez questão de espreitar a cada canto e perscrutar as planícies em busca de uma figura humana a andar. Nunca se chegara a tornar paramédico — nem nada que se parecesse —, mas sabia o suficiente para poder ser útil numa emergência, e para por vezes desejar não se ter tornado um mero vendedor.

A mulher suspirou.

— Ainda bem que conduzes como uma *Roomba*, querido.

Ele fez um movimento de cabeça. *Uma Roomba, claro! É assim que se chama a porcaria do aspirador.*

Instalou-se um silêncio incómodo entre os dois, e o tédio da estrada voltou a tomar conta da viagem. Dali a poucos minutos, voltariam a ser as pessoas infelizes que eram antes daquela pequena distração, imersos num distanciamento frio com o rumor dos pneus no asfalto. Aquele pequeno pico de adrenalina tinha sido agradável, percebeu ele, e desejou que viessem a ter mais uma dose durante o dia, quanto mais não fosse para evitar o constrangimento dentro do carro mais uns minutos.

— Queres falar sobre o assunto? — perguntou ele.

Ela abanou a cabeça.

Ainda bem. Também não lhe apetecia falar sobre o assunto.



A viagem para Tulsa era bem longa, e ainda não iam nem a metade.

James e Elle Eversman pararam para pôr gasolina dez quilómetros depois, na Fuel-N-Food do Mojave — uma pequena estação de serviço sossegada com umas bombas de combustível dos anos 70 e uma máquina de cachorros-quentes da mesma época. Junto às duas mesas de betão do parque de merendas e de um jipe estacionado, havia uma placa acinzentada a dar-lhes as boas-vindas a Mosby (População: 88) e, por baixo, numas letras fluorescentes garrafais, lia-se: OS ALIENÍGENAS DESPENHARAM-SE EM ROSWELL QUANDO ANDAVAM À PROCURA DE MOSBY!!!!

Cinco pontos de exclamação, notou James. *Porque quatro não bastavam...*

Ele era demasiado tolerante para ser picuinhas com a pontuação, mas tinha olho para a coisa. Era o responsável pela venda de publicidade de 11 estações de rádio locais na Califórnia, embora as suas mãos demasiado macias tornassem os apertos de mão embaraçosos. Ninguém confia num homem que não trabalha com as mãos. Antes de várias reuniões com clientes importantes, ele chegara a pensar em calejar a mão com palha-d' aço.

— Achas que ele nos está a espiar? — perguntou-lhe Elle dissimuladamente, enquanto abria a tampa do depósito e se punha à sombra do toldo da bomba. O calor era mais suportável, ali, mas o ar continuava espesso como gelatina.

— Quem?

— O tipo do jipe. — Ela apontou com a cabeça. — O jipe preto, ali ao lado.

James espreitou por cima do tejadilho do *Rav4*. Era um todo-o-terreno com a suspensão muito alta, coberto de pó, estacionado junto à Fuel-N-Food com uma total indiferença pelas linhas no pavimento. A luz do Sol nos vidros fumados deixava entrever os contornos dos dois assentos e uma cabeça gigante e assimétrica a olhar ostensivamente para eles. Era tão estranhamente disforme (haveria chapéus para aquele tamanho?) que ele teve de olhar duas vezes para perceber que se tratava mesmo de uma pessoa. Não se mexia; parecia que nem sequer respirava.

James sentiu um calafrio.

— Consigo sentir os olhos dele cravados na minha nuca. — Ela trancou a porta do carro e tapou a cara com o cotovelo. — A observarem-me de cima a baixo. Odeio ser observada.

— São só dois minutos, e já nos vamos embora.

— Não admira que tenham vindo aqui testar a bomba atómica. Este Estado é uma treta.

James assentiu.

— Pois. Não sei porque é que o México o havia de querer de volta.

Passou o cartão de crédito pela máquina. A velha agulheta estava perra. Quando a puxou com mais força para a soltar,

apercebeu-se de um movimento pelo canto do olho — por trás do vidro, viu a cabeça do Homem do Jipe Preto a virar-se. Afinal, a parte assimétrica da silhueta era apenas um *walkie-talkie* que ele segurava com dedos de fumador junto à orelha. O homem baixou o rádio e abriu a porta com um ranger metálico.

Elle afundou-se no assento.

James enfiou a agulheta no depósito e tentou fazer um ar despreocupado. Não correu lá muito bem.

Viu sair um homem do tamanho de um urso que vestia uma gabardina comprida que lhe roçagava ruidosamente nas pernas a cada passo. Podia perfeitamente ser o cowboy da *Marlboro*, não fosse pelo seu aspeto estrangeiro; parecia o género de vilão que James Bond teria de garrotear para conseguir entrar numa base soviética secreta. Usava o cabelo preto apanhado num rabo de cavalo, e a barba de 15 centímetros já estava tingida de grisalho. Fechou a porta com um pontapé e dirigiu-se para a Fuel-N-Food, levando um termos de café metálico com um desenho circular, demasiado distante para James conseguir perceber o que seria.

— Hello Kitty — segredou-lhe Elle.

— O quê?

— É um autocolante da Hello Kitty. Ali no termos.

— Ah. — As entranhas de James contorceram-se. — Ah, OK.

O Cowboy Soviético passou pela porta do edifício sem entrar e, ao invés, sentou-se numa das mesas de betão por baixo da placa de Mosby, virado para eles. Estava a menos de seis metros, agora, recortado contra o cenário da terra árida que se estendia até ao horizonte, a beber em silêncio do ridículo termos. Voltou a fixar os olhos em Elle.

Ela virou a cara e suspirou.

A bomba ia soltando pequenos estalidos de metrónomo. Algo a fez emperrar, pelo que James espreitou o mostrador digital cinzento: ainda nem quatro litros tinha metido. Abanou a agulheta, irritado. Estava à espera de que Elle dissesse qualquer coisa do género: *Não te metas com ele, James. Deixa estar. Não te armes em herói. Só vai piorar as coisas.* Esperou uns segundos intermináveis com a mão na agulheta até perceber que ela não ia dizer nada. A mulher sabia que ele era um paz de alma. Não era sequer capaz

de pedir a uma empregada de mesa para devolver um bife demasiado passado sem ficar todo corado. Mas gostava que ela o dissesse à mesma, só para ser querida, como às vezes fazia.

— Já decidi — disse ela.

James sobressaltou-se. Ela estava sentada sobre as mãos no banco do pendura, com os lábios muito apertados. Ele sabia que o tema de conversa tinha dado uma volta de 180 graus para retomar *o assunto*, e que agora não o podia evitar.

— O que é que decidiste? — perguntou, sem desviar um olho do Soviético.

— Já não quero engravidar.

— Tens a certeza?

— Sim.

James sentiu o lábio sangrar dentro da boca. Não estava a sair muito sangue, mas, de repente, fez-lhe lembrar aquelas pastilhas que soltam um licor de fruta quando são trincadas. O sabor metálico revolveu-lhe o estômago, mas ele acolheu de bom grado a distração, porque tudo era melhor do que aquela conversa sobre *o assunto*. Raios, até seria capaz de enfiar um murro em cheio na cara do Cowboy Soviético só para adiar a coisa alguns minutos.

— Desculpa, James. — O queixo tremeu-lhe. — Não sou capaz de continuar a tentar.

Ele cuspiu na terra batida. Vermelho-vivo.

O Soviético bebeu um gole do termos da Hello Kitty, abriu a gabardina para tirar uma folha de papel amarelado e pô-la em cima da mesa. Dispôs três lápis grossos ao lado, passou a mão por cima de cada um deles e escolheu o do meio.

— O que está ele a fazer? — perguntou Elle.

— Não interessa. — Ele inclinou-se para a mulher com as palmas das mãos sobre o tejadilho a esaldar do *Rava*. — Vamos já voltar à estrada.

O som de algo a raspar sobrepôs-se à voz dele. Como serpentes a moverem-se sinuosamente no chão árido. Era o carvão sobre o papel, um código Morse de ruídos curtos e longos. O Soviético estava a fazer um esboço, com a língua espetada entre a barba. *Ele está a desenhar-nos*, compreendeu James. *Ou, se calhar, apenas à Elle.*

— A esperança é o que dá cabo de mim — disse ela baixinho.
— Acho.

— Então porquê? — Ela suspirou. — Porquê, Elle?

— Tenho pavor de ver um resultado positivo. *Odeio* aquelas duas linhas cor-de-rosa. Porque, para ficarmos destroçados, primeiro precisamos de estar felizes, e a única coisa que consigo ver ali é mais um aborto ao fim de três meses. E, ao contrário de ti, James, custa-me imenso encará-los a todos como uma alma humana.

Ele passou os dedos pelo cabelo cor de areia, que tinha começado a retroceder à medida que se aproximava dos 30 anos. Tinha feito questão de dar um nome a cada um dos filhos que tinham perdido desde que se tinham casado, três anos antes, em janeiro, e era capaz de os recitar de cor — primeiro Darby, depois Jason, depois Adelaide (que esteve quase a chegar ao fim do segundo trimestre, envenenando Elle com uma falsa esperança), depois Carrie, depois Ross, depois... bem, tinham arranjado um nome para *quase* todos. O último, seis semanas antes, parecia ter sido a gota de água. Foi então que Elle, derrotada pelo cansaço, resolveu que queria começar a reutilizar os nomes, o que era uma afronta para James. Parecia-lhe revoltantemente cruel. Se houver sequer uma ínfima possibilidade de se estar perante uma vida humana, o mínimo que se pode fazer é dar-lhe um nome. E não reutilizar um.

— Nós vamos conseguir — disse ele.

— Não podes saber isso.

Ele imitou o sotaque suaíli do médico dela:

— *Não é impossível. É só imprevisível.*

— Pois. Porque ter um bebé pode ser improvável. — Ela revirou os olhos, mas conseguiu esboçar um ligeiro sorriso. — *Improvável* é o nosso carro transformar-se num robot falante. Mesmo tratando-se de um carro japonês, acho que é melhor não me fiar muito.

— Não. Isso é *impossível* — comentou James. — Improvável é ganhar a lotaria.

— Também não me vou fiar nisso.

— Há sempre alguém a ganhá-la.

— Então, prova-o. Compre um milhão de bilhetes.

— Com muito gosto. — Ele fez uma breve pausa. — Ainda estamos a falar sobre a lotaria, ou sobre sexo?

Ela não se riu. A piada passara em claro, ignorada. Ela tinha a cara virada para baixo, de maneira que ele lhe beijou a testa, sentindo o cheiro a maçãs verdes de fosse qual fosse o champô de tamanho familiar barato que ela usara no motel de Fairview. Viu-lhe as constelações de sardas junto aos olhos e as lágrimas amontoadas nas pestanas, como pequenas gotas de chuva.

A bomba fez mais um estalido — 38 litros.

O Soviético trocou de lápis, prendeu-o entre os nós dos dedos e começou a fazer traços mais curtos. Devia estar a dedicar-se aos pormenores. De vez em quando, parava para esfumar o sombreado no papel com o polegar. A dada altura, olhou para James com um ar mal-humorado, como que a dizer: *Sai lá da frente*.

James manteve-se firme no lugar e cuspiu uma bola de sangue e saliva. Agora apetecia-lhe mesmo meter-se com o homem, por muito idiota que fosse, porque ao menos seria alguma coisa. Talvez se ele tivesse de enfrentar um pequeno problema ali na estação de serviço, o problema maior lhe parecesse depois menos grave. Certo dia, ouvira dizer que a crise da masculinidade moderna se devia ao facto de haver cada vez menos problemas que pudessem ser resolvidos com um murro nas fuças de alguém. Uma vez que andar a esmurrar pessoas não fazia nada o género de James, ele pensara que isso o tornava particularmente adaptado ao mundo moderno. Era sensível, inteligente, e tinha imenso jeito para ouvir — mas nada disso ajudava. Ele nem os seus filhos que morreram antes de nascer. Agora, só lhe apetecia esmurrar alguém.

Lembrou-se das palavras do pai, demasiado tenebrosas e estranhas só de pensar nelas: «Tens de ser educado e atencioso, mas convém teres um plano para matar toda a gente que conheces, por via das dúvidas.»

O barulho do metrónomo parou. Depósito atestado.

O sorriso de Elle evaporou-se.

— Acreditas mesmo em todas essas tretas otimistas que estás sempre a dizer?

— Acredito — mentiu ele.

James amarrotou o recibo e bateu a porta com força suficiente para os vidros abanarem. Elle limpou os olhos com as costas da mão. Ele ligou a ignição do monovolume, voltou à estrada e pisou no acelerador a fundo. Então, abriu a janela (*O que é que estás a fazer, James?*), apitou e despediu-se alegremente do Cowboy Soviético exibindo-lhe o dedo do meio.

— Sim — disse ele com um nó na garganta. — Acabei mesmo de fazer aquilo.

Ela engoliu em seco.

— Se calhar é melhor acelerares, então.

Com o estômago às voltas por causa do sangue coagulado, ele viu o homem transformar-se numa figura minúscula no retrovisor. Tinha-se virado no banco para os ver partir. O misterioso *walkie-talkie* (*merda*, James esquecera-se do rádio) estava outra vez na mão dele. Encontrava-se demasiado longe para decifrar qualquer expressão, mas James imaginou-lhe um sorriso presunçoso no rosto engelhado, e esperou não ter cometido o pior erro da sua vida, num condado com apenas dois agentes da polícia.

Para que é que fui fazer aquilo?

— Querido...

Viu o velocímetro aproximar-se dos 160 quilómetros e levou o pé ao travão.

— Pois... é assim que começa a história de como eu consegui que nos matassem aos dois.

— Se ele nos seguir — disse ela —, dou-te um murro na tromba.

Mas o Cowboy Soviético não foi atrás deles, o que era quase pior. Eles tinham saído dos limites de Mosby para se embrenharem durante três quilómetros no deserto quando o rádio do *Toyota*, que nos últimos 60 quilómetros só apanhara estática, começou a crepitar. No meio do ruído, conseguia distinguir-se uma voz humana.

2

O rádio de William Tapp crepitou, assinalando uma ligação.

Ele estava a comer *Cheetos*, levando-os à boca com uma pinça médica para não contaminar os dedos de pó gorduroso laranja. Aquele era o número 18 (ele não conseguia evitar contar as coisas, por força do hábito). Geralmente, os pacotes continham uma média de 130 aperitivos, mas nos últimos tempos esse número tinha descido para os 115, chegando mesmo a cair para os 104 num pacote do ano anterior. Ele atribuíra a sovinice à recessão económica.

— *Qual é o veredito para o casal da Califórnia que vai no Toyota amarelo?*

Ainda não tinha tomado uma decisão.

Antes de responder para o auricular, pousou o décimo nono *Cheeto* na língua, sem o mastigar, para absorver a saliva, até se tornar uma massa esponjosa que pudesse engolir de uma vez.



James e Elle ouviram apenas dois fragmentos de uma conversa, com as frases interrompidas e entrecortadas, como se estivessem a passar os canais numa velha televisão analógica. O primeiro parecera-lhes qualquer coisa como «só faltam quatro horas». O segundo era «olho negro», dito numa só palavra. E depois o ruído fez um pico abrupto, e a anomalia passou como um relâmpago num céu azul, deixando-os num silêncio estupefacto.

Elle rodou o botão do volume.

— Aquilo seria...?

— Não. — James tinha a certeza de que a voz não era do Soviético. Não tinha o tom certo. Era fininha e débil, produzida por cordas vocais pouco desenvolvidas e um peito compacto. O dono da voz também parecia ter algo na boca, a ocupar-lhe a língua, como um rebuçado. Lembrou-se de ter ouvido, um dia, que Abraham Lincoln tinha uma voz assim, aguda e rouca, o que não se enquadrava de maneira nenhuma com a sua personalidade forte, e por alguma razão era exatamente àquilo que soava a voz do rádio. Sim, a Abraham Lincoln. O fantasma do republicano preferido da História tinha acabado de ocupar a frequência 92.7 FM para lhes pregar um susto. — Podia ser um programa de rádio... — sugeriu James.

— Faltam quatro horas — disse Elle. — Para quê?

— Não sei.

— Onde é que vamos estar daqui a quatro horas?

— No Arizona. — James olhou para o GPS instalado no tabliê. — Nessa altura já vai ser de noite. Estamos a meia hora da interestadual, e de lá é um pulinho pelas Montanhas Rochosas. Vamos deixar este sítio para trás, bem longe. Combinado?

Ela assentiu com uma expressão lívida.

Ele acelerou.

— Estás bem?

— Quem... quem é que deixa uma carrinha com o motor ligado aqui no meio do nada? — A voz dela era monocórdica, como a de um zombie. — Com 40 dólares à mão de semear, a 15 quilómetros da vila, quando estão 40 graus?

James tinha-se esquecido daquele episódio. Havia montes de explicações, mas caíam todas apenas nos limites do possível, e não eram particularmente verosímeis. Resolveu concentrar-se antes na estrada, que subia e descia numa sucessão interminável de lombas. O terreno à volta tornava-se mais irregular, como papel amachucado, à medida que se aproximavam do sopé das montanhas, com os estratos rochosos encavalitados a formarem degraus. A única indicação de que não estavam em Marte vinha das iúcas que pontuavam a paisagem como

espantalhos. Quem ficasse espetado a fitá-las seria capaz de jurar que via algumas a mexerem-se.

Ele observava a paisagem a passar na janela. Tinha-se deixado embrenhar num dos seus transe; naquilo a que ele um dia chamara o seu olho de fotógrafa que abarcava tudo a mil metros. O *Sacramento Journal* publicara em tempos um artigo em que lhe atribuíra o segundo lugar de uma lista de 20 artistas locais que mereciam ser seguidos com toda a atenção. James tinha emoldurado e pendurado a página na sala de jantar deles na Califórnia, e agora estava encaixotada com o resto dos pertences deles, nos bancos de trás, a chocalhar ligeiramente. O jornal tinha a data de quatro anos antes. Ela vendera entretanto as máquinas fotográficas ao desbarato na *Craigslist*.

— Não te preocupes — disse James. — Já vi imensos filmes de terror. Nunca acontece nada de mal no deserto.

A mulher soltou uma pequena gargalhada.

Ele rodou o botão de sintonizar até ao fim. Geralmente, quando se apanhava um vestígio de sinal de rádio como aquele, era por causa da sobreposição de frequências com uma estação local de televisão. Talvez fosse essa a explicação. Uma parte dele queria continuar à procura, para o caso de haver alguma prova demolidora, mas no fundo não passava de uma distração. O que interessava agora era conduzir, seguir em frente, e não parar enquanto não chegassem a Flagstaff, no Arizona, de acordo com o plano. Até já lá podiam estar, pensou ele, macambúzio, se não tivessem feito um desvio de 150 quilómetros pelo antigo palco de testes nucleares para a Elle visitar o Museu do Terror, que não passava afinal de uma reles cilada para turistas.

— Oh, raios! — disse ela.

Ele também viu. A estrada estava bloqueada com uma grande barreira vermelha ao fundo de uma reta de 800 metros, a tremer por entre uma cortina de ar quente. Trinta segundos depois, a miragem dissolveu-se e uma placa, ladeada pelas barreiras, tornou-se legível: «DESVIO — DERROCADADA». James esteve quase a pregar um murro no volante, mas deteve-se a tempo; tinha de parecer calmo por causa de Elle. Já a tinha feito passar por bastante naquele dia.

— Pronto, é oficial. — Ela cruzou os braços. — Odeio este sítio!

— Pelo menos há um desvio — disse ele. — Assim não temos de voltar para trás e passar pelo tipo a quem acabei de mostrar o dedo do meio.

— Desafio-te a fazeres isso!

— Vou fazer melhor ainda. — Ele carregou ao de leve no travão ao aproximar-se da barricada. — Vou procurar a pessoa mais assustadora de todos os sítios por onde passarmos e mostrar-lhe o dedo do meio. Quando chegarmos à nossa nova casa, vamos ter uma fila de assassinos atrás de nós.

— A nossa nova casa — disse ela com um sorriso comovido. — Juro por Deus, são as melhores palavras que já ouvi.

James tocou-lhe na mão.

A casa ainda não era deles. Nem os empregos.

Ele rodou o volante e virou à direita para o desvio. Depois de horas no asfalto quente, entrar num caminho de terra batida era um choque de fazer bater os dentes. A estrada em si parecia em boas condições — não passava de um caminho secundário ladeado por uma ribanceira de arenito e pedras soltas —, mas ele sabia perfeitamente que deixaria de sentir o mesmo se o *Toyota* empanasse ali no meio de nenhures. Obviamente, a derrocada da estrada principal não lhes deixava alternativa, mas ele não conseguiu evitar sentir-se como uma personagem na primeira parte de um filme de terror, com o público exasperado a comer pipocas enquanto gritava: *Não se metam por aí, seus idiotas!*

Carregou no pedal e acelerou.

Elle esticou o pescoço para espreitar pelo retrovisor, como se estivesse à espera de que o jipe preto se materializasse atrás deles.

— Só faltam quatro horas — sussurrou ela, como se de um segredo se tratasse, qual vidente. — Olho negro.

Ele acelerou.



Passados dez minutos de curvas e contracurvas serpenteantes, a paisagem tornou a abrir-se diante deles, com o horizonte

a estender-se subitamente até ao infinito. Estavam na orla de uma cumeeira circular em forma de tigela com cerca de um quilómetro e meio de largura que descia em socalcos de pedra oxidada para o centro, rodeada por picos longínquos. Parecia uma pintura mate da caldeira de um antigo vulcão. A estrada do desvio atravessava-a como uma microfalha geológica, dividindo o vale ao meio e cruzando o leito escuro de um rio lá em baixo, antes de voltar a subir do lado oposto. *Que raio de desvio*, pensou ele. *Havemos de estar no México antes de regressarmos ao caminho certo.*

Ele deu um pulo para a frente no banco como se tivesse apalhado um choque elétrico, fazendo gestos veementes com o dedo a apontar para qualquer coisa, e James carregou no travão.

— O que foi?

— Estás a vê-lo?

— Estou a ver quem?

— Diz-me que não estou maluca. Não o consegues ver? — Tinha a voz esganiçada.

James esforçou a vista à luz do Sol escaldante e seguiu o dedo indicador da mulher. Tinha imobilizado por completo o *Rav4*, o que o deixava nervoso — o Cowboy Soviético podia estar a segui-los no seu jipe preto. Era só isso que o preocupava. A sombra ambulante do homem podia surgir atrás deles a qualquer instante, com o motor de *monster truck* a rugir, sem o poder dissuasor de quaisquer testemunhas por perto.

Suspirou.

— Só vejo deserto por todos os lados, querida.

— Olha. Se olhares com atenção, vais vê-lo. — A voz dela era um murmúrio por cima do ruído do motor em ponto-morto. Ele reparou que a mulher tinha o dedo a tremer. Houve também alguma coisa na maneira como ela disse «vais vê-lo» que o assustou. Como se estivesse a falar do Diabo ou algo parecido. Os vidros do *Toyota* rangeram e estalaram à volta deles, quebrando a quietude, como se a pressão do ar lá fora estivesse a cair. O cheiro voltou, também. Nos últimos 150 quilómetros, ele tinha reparado que o deserto possuía um odor peculiar — o enxofre das rochas a esboroarem-se, como o lodo de um cais na maré baixa. Voltou a senti-lo no ar reciclado e teve uma náusea.

— Estás a precisar de óculos — disse ela, o que não deixava de ser verdade.

— Já estou a vê-lo.

Ele ou ela (ou aquilo) era uma pequena forma humana a várias centenas de metros de distância, no fundo da cratera, a caminhar pela estrada, de costas para eles. Com a cabeça baixa, os braços semierguidos à frente do corpo, ofuscada pela vastidão da paisagem. Alguém a tentar apanhar uma boleia, talvez, se bem que James não conseguisse imaginar que alguém pudesse ser tão idiota a ponto de andar por ali sozinho à espera de boleia. O sol deixar-lhe-ia a boca sem um pingo de saliva em menos de uma hora. Em duas horas, as pálpebras transformar-se-iam numa lixa. Em três, teria sido tomado pela demência e estaria às portas da morte.

Ele passou a língua pelo lábio inchado do golpe autoinfligido. *Será o tipo da carrinha?*

— Estrada da Encosta Sombria — disse Elle.

— O quê?

Ela apontou para uma placa — uma simples tábua de madeira encostada ao lado da estrada. O nome tinha sido gravado nos veios ressequidos com um ferro quente numa caligrafia infantil, com as hastes muito exageradas e as letras cada vez mais apertadas à medida que o espaço ia chegando ao fim.

Ela fungou.

— Não é nem um pouco sinistro.

— Pois não.

Bem, pensou ele, para trás é que não podemos voltar. De maneira nenhuma.

Portanto, carregou no acelerador e continuou a seguir pelo desvio, agora identificado como Estrada da Encosta Sombria, que tinha tudo menos sombra e que não era propriamente uma estrada. A figura do homem ficou centrada no para-brisas e foi crescendo lentamente enquanto eles passavam pela orla da cratera para darem início à descida. Ocorreu a James que aquilo parecia uma montanha-russa — o último instante de tranquilidade no cimo da primeira subida, e logo a seguir o ponto de não retorno alucinante. Desceram, e a estrada tornou-se mais

agreste. O piso estava cheio de torrões secos e cascalho que faziam o carro resvalar, abanavam a suspensão e faziam os seus pés trepidar sobre os pedais. Algumas pedras ressaltavam por baixo do chassis. No banco de trás, a estante com os livros abanava ruidosamente.

James deu por si a concentrar-se no homem ao longe e não na estrada. Já conseguia sentir o seu coração mole a fraquejar. E se o tipo precisasse de ajuda? Ele podia estar ali perdido. Seria moralmente condenável passar simplesmente por ele sem lhe oferecer ajuda, certo? Lembrou-se das palavras do xerife-adjunto e engasgou-se com uma gargalhada nervosa: *É demasiado longe de tudo para se ir ali aliviar.*

— Isto é muito monte-de-Santa-Helenesco — disse Elle. James ignorou-a. — Não te riste — observou ela. — Tu ris-te sempre.

Em Sacramento, não faziam a mais pequena ideia de que o vizinho deles andava armado em cozinheiro de metanfetaminas (ou seria *chef?*) até àquela noite em que acordaram com o fumo a entrar-lhes por baixo da porta pelo quarto adentro. O laboratório caseiro tinha explodido caprichosamente de maneira a projetar uma bola de fogo para o meio da sala de estar deles, e o investigador de incêndios estabelecera depois o paralelo com a erupção daquele célebre vulcão do Estado de Washington em 1980. Não tinha piada nenhuma, na verdade — o velho bigodudo comentara simplesmente que a explosão lhe parecia muito «monte-de-Santa-Helenesca» —, mas, por alguma razão, James tinha desatado a rir até lhe virem as lágrimas aos olhos. Ela também. Uma gargalhada histérica que lhes fazia doer a barriga. Deviam ter parecido malucos; dois vintões a rirem a bandeiras despregadas por causa de um acidente que lhes destruía a casa e matara o vizinho. Às vezes «horrível» e «hilariante» ocupavam o mesmo espaço no tempo.

Ele aceitou o reparo e sorriu, dizendo:

— A explosão parece muito... monte-de-Santa-Helenesca.

Ela bufou.

O carro caiu noutra buraco. O motor fez um queixume, como se se tivesse partido um cabo de aço lá dentro. As caixas e a

mobília nos bancos de trás chocalharam. Ele carregou no travão e rezou para que não tivessem furado um pneu. Não ali no meio de nenhures; não naquele momento.

Aproximou-se devagar até estar uns 20 metros atrás do homem, que continuava a andar, impassível, sem se virar.

Trazia calças de ganga e um casaco amarelo-acinzentado — e então James reparou noutra coisa. O homem tinha umas letras brancas estampadas nas costas, o que lhe fez gelar o sangue nas veias.

— MPR — disse Elle. — O que quererá dizer?

James engoliu em seco.

— Não faço ideia.

Ela não tinha reparado no autocolante no para-choques da carrinha. Ele não gostava muito de lhe esconder fosse o que fosse, mas também não foi capaz de lhe contar.

MPR.

O que era ainda mais estranho era que o misterioso homem ainda não se tinha virado para trás e olhado para eles. Devia tê-los ouvido a aproximarem-se. Tinha de ter ouvido o ruído do motor, os solavancos nos buracos, os pneus a pisarem o cascalho, *fosse o que fosse*. Mas continuava simplesmente a seguir a Estrada da Encosta Sombria no seu estupor solitário, com a cabeça baixa, a cara escondida, a segurar num pequeno objeto à frente do corpo com a mão a tremer ligeiramente. James não conseguia ver o que era.

— O que leva ele ali?

— Um telemóvel. — Ela tinha um ângulo de visão melhor do lugar do passageiro. — Parece que está à procura de sinal. — Ela tirou o seu próprio telefone da mala, uma velha relíquia *Samsung*, e abriu-o.

— Tens algum traço de rede?

Ela abanou a cabeça.

Nada de número de emergência, portanto. Porreiro.

Um pouco impaciente, James deu dois pequenos toques na buzina e depois um longo. Como mesmo assim o homem não reagiu, sentiu o estômago a afundar-se como quando subimos de repente durante a descolagem de um avião.

Elle manifestou o seu domínio do óbvio.

— Passa-se aqui alguma coisa.

Tamborilou no volante e expirou por entre os dentes. Aquele tipo estava a tentar usar um telemóvel ao mesmo tempo que ignorava a buzina de um carro? Não fazia sentido, tal como não fazia sentido que alguém deixasse uma carrinha a funcionar na berma da estrada, do outro lado de Mosby, no Nevada. Ele só sabia que, se se desviasse daquele homem misterioso e seguisse em frente, isso bem poderia vir a ser a sentença de morte dele. Em Sacramento, lembrava-se de ouvir contar a história de velhinhos que morriam nos bancos do autocarro e ficavam ali sem que ninguém reparasse neles, a andar de um lado para o outro na mesma carreira o dia todo. Perguntou-se nesse instante se alguma vez se teria sentado ao lado de um deles.

Parou o *Toyota*.

Elle ficou boquiaberta.

— James...

— Tenho de confirmar se está tudo bem com o homem.

— *A sério?*

Ele tirou o cinto.

— *A sério.*

— Ainda bem que me fui casar com o último idealista à face da Terra — murmurou ela.

— Havia mais idealistas como eu — disse ele. — Só que morreram todos a ajudar pessoas perdidas no deserto que, afinal, eram assassinos em série.

— Não te vais meter com ele se não quiser que o chateiem, pois não?

— Tens aí o teu gás pimenta? — Ela tirou-o da mala: um pequeno tubo preto com um botão vermelho. — Muito bem, Elle. Vou ali falar com ele, mas é melhor deixar o motor ligado.

Ele olhou para o homem através do para-brisas sujo de insetos esborrachados e recordou-se novamente de que seria moralmente reprovável não confirmar se estava tudo bem. Já nem sequer estava a pensar apenas na segurança do homem. Era mais egoísta do que isso: pura curiosidade e casmurrice. Havia demasiadas pequenas pistas a sugerirem uma ligação improvável entre

eventos separados nesse dia, e ele tinha de saber o que se passava ao certo ali.

Abriu a porta.

— Se... se me acontecer alguma coisa, Elle, não fiques aqui. Passa para o volante e pisga-te.

— Espera — pediu a mulher.

Ele ficou com metade do corpo dentro do carro e metade fora.

— O que foi?

— Preciso de confessar uma coisa, não vás tu morrer e deixar-me com um sentimento de culpa.

— Sim?

— James, eu... tive *tantos* casos...

Ele fechou a porta.

Já tinha ouvido aquela antes. Era um sinal evidente do nervosismo dela — quando começava a repetir piadas.

Começou a andar, com os passos no cascalho seco a soarem como se pisasse cascas de ovo partidas. Era difícil respirar. O ar parecia estranhamente denso, sobrepresurizado, mas ele tinha a certeza de que aquele vale não podia ficar muito abaixo do nível do mar, se é que ficava abaixo. O ouvido direito fez um ruído líquido ao libertar-se da pressão, e ele sentiu os olhos da mulher a fitarem-lhe as costas. Alguns passos mais à frente, o homem percebeu finalmente que estavam a segui-lo e estacou com as pernas bambas.

Silêncio.

James achou que era vagamente arrepiante, o facto de agora estarem os dois conscientes da presença um do outro. Era um ponto de viragem. A partir dali, não havia como recuar. O homem inclinou a cabeça, mostrando o cabelo grisalho à volta de uma pequena falha do tamanho de uma ficha de póquer, com a pele vermelho-lagosta queimada pelo sol. Virou o corpo como se se fosse voltar para James, mas acabou por não o fazer.

Ficou só ali. Como o manequim de uma loja de roupa virado para uma parede.

Que belíssima ideia, James.

Reparou numa pequena protuberância na coxa direita do homem e interrogou-se se não seria uma arma no coldre. Com a sorte

dele, só podia ser. James odiava armas. Odiava tudo o que tivesse que ver com elas. A eficiência mecânica do seu desenho, as molas e os pistões e os estalidos e estampidos calibrados, até mesmo a elegância das curvas como as de um *Porsche* — odiava-as porque as armas ilustravam melhor do que qualquer outra coisa a miopia do gênio que a humanidade revelava na engenharia da morte. Tal como ele encarava as coisas, o seu pai fora morto por uma arma, e elas eram as únicas responsáveis pelo facto.

A um metro e meio de distância, o homem exalou pela boca.

James perdeu o ímpeto. Sabia que não podia voltar para trás, entrar novamente no carro para ir ter com a mulher amada e o que restava dos seus bens, e fugir daquele mistério para se dedicar à sua nova vida em Tulsa. Aquilo seria uma distração, alguns minutos de viagem perdidos, e nada mais — não podia, em todo o caso, ser pior do que aquela maldita e inútil visita ao Museu do Terror que os tinha afastado da interestadual devido aos olhinhos de súplica de Elle. Isso tinha sido... enfim, exatamente o que prometiam na brochura. Bonecos de cera em poses de agonia medieval — mocas, lâminas oscilantes, maneiras cada vez mais imaginativas de manter as taxas de reincidência de violação perto do zero —, e Elle tinha absorvido tudo como uma fanática do terror» assumida. James passara a maior parte do tempo na sala de espera, a ler um número antigo da revista *People* e a beber uma *Coca-Cola Light*, que lhe custara quatro dólares.

Agora queria mais do que tudo na vida ser uma pessoa pior do que era, para poder dar meia-volta e deixar aquele homem, com as letras MPR estampadas no casaco, sozinho na cratera. Ou, então, uma pessoa menos curiosa. De qualquer das maneiras, não era capaz de tal coisa.

Deu um pequeno passo à frente. O silêncio foi interrompido novamente pelo crepitar do cascalho, tão retumbante como uma porta a bater. Depois, as outras sensações invadiram-no de chofre uma vez mais — o ar escaldante a agitar-se à sua volta, as ervas secas e baixas a dançarem, a areia a assobiar ao vento, uma multidão de grilos que pareciam moscas a zunirem à volta de um naco de carne podre. Elle disse-lhe qualquer coisa, mas a voz dela foi abafada pelos vidros e pelo ar congestionado do *Rav4*.

O homem estava ali, parado. De costas. James reparou, com um esgar de desgosto, que a nuca do homem também estava queimada pelo sol, com um grande escaldão vermelho como o da careca. Tinha bastante mau aspeto; o suficiente para a pele ter começado a escamar em pequenos flocos. Aquele velhote devia andar a caminhar pelo Mojave há algum tempo, e claramente não se preparara para isso. *Porque é que ele havia de deixar a carrinha?*

James aclarou a garganta, seca como papel.

— Está tudo bem consigo? — Não obteve resposta. — Precisa de água? — Nada. — Olá? — Nicles.

James assobiou uma nota aguda. *Talvez seja surdo.*

Então, o homem mexeu-se subitamente, como um fantoche enredado nos fios. A cabeça rodou-lhe nos ombros, primeiro para um lado, depois para o outro. As articulações estalaram-lhe como pinhas numa fogueira. Ele soltou um suspiro e deixou cair a mão esquerda ao lado do corpo, deixando ver um *smartphone* vermelho — o objeto que lhe tinha ocupado a atenção aquele tempo todo. O ecrã estava desligado.

James foi atingido por uma brisa que lhe pareceu estranha e chocantemente fria. O suor que lhe cobria a pele ficou gelado.

O velho falou finalmente.

— Perdi-o.

— Como?

— Perdi-o.

James sentiu o outro tímpano estalar como uma uva a ser esmagada.

Perdi-o?

— Eu... quase que o encontrei. Mas perdi-o. — O homem enredou-se nas sílabas, testando e explorando cada uma delas na língua com um tom monótono. Depois, finalmente, virou-se.

James viu-lhe a cara e sentiu um sabor desagradável na boca.



— James!

Elle chamou o marido três vezes enquanto ele voltava para o carro. James não respondeu. Tinha os olhos absortos, os maxilares

tensos, as faces lívidas. Ela conhecia aquela expressão. Só a tinha visto uma ou duas vezes em nove anos, mas só Deus sabia como se lembrava dela.

Ele falhou um passo e tropeçou.

— O que foi que ele te disse, James?

Ela olhou novamente para o desconhecido, que continuava de pé, no meio da estrada, onde o marido o deixara. Não conseguia perceber se eles tinham falado muito ou pouco. O homem mantinha-se virado de costas, a olhar para o telemóvel. Vacilou ligeiramente, como um espantalho preso a um poste, a abanar com o vento. E então o olho de fotógrafo dela reparou num... numa sombra estranha, algo que não batia certo, a espreitar como um Gremlin por cima do crânio do homem.

A porta do condutor abriu-se. O marido dela enfiou-se dentro do carro com o suor a escorrer-lhe pela testa.

— Temos de o levar a um hospital agora mesmo. Liga o carro.

— O que aconteceu?

— Liga a porcaria do carro!

Mas o motor não estava a funcionar agora mesmo?

A mulher esticou-se para o lado e agarrou nas chaves, antes de ser tomada por uma súbita curiosidade mórbida e arriscar mais uma espreitadela sobre o painel de instrumentos, para lá do para-brisas pejado das vísceras de insetos. Por coincidência, o homem virou-se nesse preciso momento e fitou-a.

Não percebeu imediatamente o que a inquietara. Sentiu um nó no estômago e um calafrio na coluna, mas não conseguia perceber a razão exata para o desconforto. Até que de repente se fez luz. A silhueta da cabeça do homem não batia certo. Tinha-lhe desaparecido uma pequena fatia em forma de V, como uma tarte, arrancada da têmpora imediatamente por cima da orelha direita. A falta de sangue era surpreendente: havia apenas uma camada de pele pendurada como papel de parede solto e, por baixo, uma ausência total de matéria, espaço negativo, uma sombra escura ao sol.

Ela ficou boquiaberta.

— Não grites — sussurrou James. — Os lábios da mulher deixaram escapar um guincho estrangulado. — Não olhes para ele.

O homem tinha cara de avozinho, com papada de J. Edgar Hoover e uma barba rala prateada. Lembrava-lhe alguém que ela conhecia; não se conseguia lembrar de quem. Ele fixou-lhe os olhos arregalados — *Está a olhar para mim* — e semicerrrou os próprios olhos. Olhou de relance por cima do ombro, depois novamente para ela, e mexeu os lábios, como se quisesse dizer: «Qual é o problema?»

Oh, céus!

Ela fez-lhe um aceno educado. Com um sorriso postiço.

Oh, céus, ele não sabe que está ferido!

— Não o podemos deixar ver o seu reflexo. Temos de tapar os espelhos.

James agarrou-lhe a mão, apertou-lhe os dedos e rodou a chave. O *Rav4* engasgou-se, e ouviu-se alguma coisa a bater debaixo do capô, como o fio de uma roçadeira a bater num arame. Ele tentou mais duas vezes, enquanto os dedos da mulher lhe escorregavam da outra mão, até que o motor deixou de fazer qualquer som, apenas se ouviam os ponteiros do painel de instrumentos a saltarem inutilmente.

— Elle — acabou por dizer inexpressivamente. — Parece que temos um grande problema.

Um thriller com uma tensão constante
e uma surpreendente dose de humor negro
que o manterá preso até ao assombroso final.

UM CASAL EM BUSCA DE UM RECOMEÇO DE VIDA.

James e Elle Eversman são um jovem casal que se encontra a viajar pelo deserto de Mojave com o objetivo de começar uma nova vida. Quando o seu carro avaria misteriosamente, ficam presos no meio do nada, com pouca água e sem rede de telemóvel.

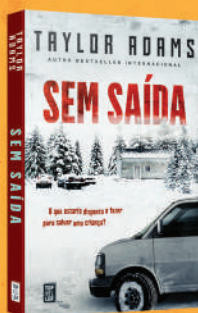
UMA EMBOSCADA PERFEITA.

A um quilómetro e meio de distância, William Tapp, um *sniper* implacável, tem-nos sob a sua mira e começa a disparar sobre eles. Rodeados por um espaço aberto e sem sítio onde se esconderem, o casal abriga-se atrás do seu carro.

SEM TEREM PARA ONDE FUGIR, COMO IRÃO SOBREVIVER?

Porém, o atirador não dá tréguas e, até ao Sol se pôr, James e Elle irão ter de lutar pelas suas vidas.

Do mesmo autor,
o bestseller internacional:



TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-8917-42-3 9 789898 917423 Thriller
--	---